

UMBERTO
ECO
PAPE
SATÀN
ALEPPE
crônicas de uma
sociedade líquida

TRADUÇÃO DE ELIANA AGUIAR

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

Introdução

Comecei a coluna *La Bustina di Minerva*, na revista *L'Espresso*, em 1985, semanalmente durante um bom tempo, e depois quinzenalmente. Como recordei logo no início, o interior das caixinhas de fósforos Minerva oferecia dois espaços em branco, nos quais era possível tomar notas, e era assim que eu via aquelas intervenções: breves anotações e divagações sobre os mais variados temas que me passavam pela cabeça — em geral, inspirados na atualidade, mas não somente, pois podia incluir em atualidades o fato de ter sido tomado, uma bela noite, pelo súbito desejo de reler, sei lá, uma página de Heródoto, uma fábula de Grimm ou uma revistinha do Popeye.

Incluí muitas dessas colunas em meu *Segundo diário mínimo*, de 1992; um número considerável delas formou outro livro, *La Bustina di Minerva*, que dava conta das que haviam sido publicadas até o início de 2000, algumas delas foram recuperadas também em *A passo di gambero*, de 2006. Mas entre 2000 e 2015, calculando 26 *Bustinas** por ano, escrevi mais de quatrocentas e considerei que algumas poderiam ser recuperadas.

Creio que todas (ou quase todas) as que reuni neste livro podem ser entendidas como reflexões sobre os fenômenos de nossa “sociedade líquida”, que abordo numa das *Bustinas* mais recentes e coloco no início desta série.

* Como o autor, assim como seus leitores, sempre se refere à sua coluna na revista *L'Espresso* pelo título abreviado, *Bustina*, optamos por manter o tratamento, adotando inclusive o plural em português — no caso *Bustinas* em vez do plural italiano *Bustine* —, no intuito de refletir sua coloquialidade. [N. da T.]

Embora tenha eliminado muitas repetições, algumas talvez tenham permanecido porque certos fenômenos se repetiram com preocupante regularidade durante estes quinze anos, estimulando, portanto, retornos e insistências sobre certos temas que se mantêm inquietantemente atuais.

Duas palavrinhas sobre o título. A citação é evidentemente dantesca (“Pape Satàn, pape Satàn aleppe, *Inferno*, VII, 1), mas como se sabe, embora uma profusão de comentaristas tenha tentado encontrar um sentido para o verso, a maior parte deles concluiu que não tem nenhum significado preciso. Em todo caso, pronunciadas por Pluto, estas palavras confundem as ideias e podem se prestar a qualquer diabrura. Achei, portanto, oportuno usá-las como título desta coletânea que, menos por culpa minha do que por culpa dos tempos, é desconexa, vai do galo ao asno — como diriam os franceses — e reflete a natureza líquida destes quinze anos.

A sociedade líquida

(2015)

A ideia de modernidade ou sociedade “líquida” deve-se, como todos sabem, a Zygmunt Bauman. Para quem quiser entender as várias implicações do conceito, a leitura de *Estado de crise* (Zahar, 2016), onde Bauman e Carlo Bordoni discutem este e outros problemas, pode ser útil.

A sociedade líquida começou a delinear-se com a corrente conhecida como pós-moderno (aliás, um termo “guarda-chuva” sobre o qual se amontoam diversos fenômenos, da arquitetura à filosofia e à literatura, e nem sempre de modo coerente). O pós-modernismo assinalava a crise das “grandes narrativas” que se consideravam capazes de impor ao mundo um modelo de ordem e fazia uma revisitação lúdica e irônica do passado, entrecruzando-se em várias situações com pulsões niilistas. Mas para Bordoni, o pós-modernismo também conheceu uma fase de declínio. Era um movimento de caráter temporário, pelo qual passamos quase sem perceber, e que um dia será estudado, assim como o pré-romantismo. Servia para assinalar um acontecimento em andamento e representou uma espécie de balsa que levava da modernidade a um presente ainda sem nome.

Para Bauman, entre as características deste presente nascente podemos incluir a crise do Estado (que liberdade de decisão ainda têm os Estados nacionais diante dos poderes das entidades supranacionais?). Desaparece assim uma entidade que garantia aos indivíduos a possibilidade de resolver

de modo homogêneo os vários problemas do nosso tempo, e com sua crise, despontaram a crise das ideologias, portanto, dos partidos e, em geral, de qualquer apelo a uma comunidade de valores que permita que o indivíduo se sinta parte de algo capaz de interpretar suas necessidades.

Com a crise do conceito de comunidade, emerge um individualismo desenfreado, onde ninguém mais é companheiro de viagem de ninguém, e sim seu antagonista, alguém contra quem é melhor se proteger. Este “subjetivismo” solapou as bases da modernidade, que se fragilizaram dando origem a uma situação em que, na falta de qualquer ponto de referência, tudo se dissolve numa espécie de liquidez. Perde-se a certeza do direito (a justiça é percebida como inimiga) e as únicas soluções para o indivíduo sem pontos de referência são o aparecer a qualquer custo, aparecer como valor (fenômenos que abordei com frequência nas *Bustinas*), e o consumismo. Trata-se, porém, de um consumismo que não visa a posse de objetos de desejo capazes de produzir satisfação, mas que torna estes mesmos objetos imediatamente obsoletos, levando o indivíduo de um consumo a outro numa espécie de bulimia sem escopo (o novo celular nos oferece pouquíssimo a mais em relação ao velho, mas descarta-se o velho apenas para participar desta orgia do desejo).

Crise das ideologias e dos partidos: alguém já disse que estes últimos se transformaram em táxis que transportam caciques políticos ou chefes mafiosos que controlam votos, que escolhem em qual embarcarão com desenvoltura, segundo as oportunidades que oferecem — o que até torna compreensíveis e não mais escandalosos os vira-casacas. Não somente os indivíduos, mas a própria sociedade vive em um contínuo processo de precarização.

O que poderá substituir esta liquefação? Ainda não sabemos e este intervalo ainda vai durar muito. Bauman observa que (com o fim da fé numa salvação proveniente do alto, do Estado ou da revolução) os movimentos de indignação são típicos de períodos de intervalo. Estes movimentos sabem o que não querem, mas não o que querem. E recordo aqui que um dos problemas levantados pelos responsáveis pela ordem pública a propósito dos *black blocs* é a impossibilidade de rotulá-los, como se fazia antes com os anarquistas, os fascistas, as Brigadas Vermelhas. Eles agem, mas ninguém sabe mais quando e em que direção. Nem mesmo eles.

Existe um modo de sobreviver à liquidez? Existe e é justamente perceber que vivemos numa sociedade líquida que, para ser compreendida e talvez superada, exige novos instrumentos. Mas o problema é que a política e grande parte da *intelligentsia* ainda não entenderam o alcance do fenômeno. Por ora, Bauman continua a ser uma “*vox clamantis in deserto*”.

A passo de caranguejo

Católicos sem amarras e laicos carolas

(2000)

Ao falar das grandes transformações espirituais que marcaram o final do século XX, vem imediatamente à baila a crise das ideologias, fato inegável que confundiu as tradicionais distinções entre direita e esquerda. Precisamos questionar, no entanto, se a queda do muro de Berlim foi a causa do colapso ou apenas uma de suas consequências.

Vejamos a ciência: era concebida como ideologia neutra, ideal de progresso comum tanto a liberais quanto a socialistas (mudava apenas a ideia de como este progresso deveria ser administrado, a favor de quem, e continua exemplar o Manifesto Comunista de 1848, que tecia elogios admirados às conquistas capitalistas para concluir mais ou menos que “agora nós também queremos tudo isso”). Era progressista quem confiava no desenvolvimento tecnológico e reacionário quem pregava o retorno à Tradição e à Natureza incontaminada das origens. Os casos de “revolução para trás”, como o dos ludistas que visavam a destruição das máquinas, eram episódios marginais. Não afetavam profundamente esta divisão nítida entre as duas perspectivas.

Essa fronteira começou a ficar menos nítida em 68, quando se confundiram stalinistas apaixonados pelo aço e hippies, operaístas que esperavam que a automação trouxesse o fim do trabalho e profetas da libertação através das drogas de Don Juan Matus e esfacelou-se no momento em que o populismo terceiro-mundista transformou-se em bandeira tanto para

a extrema-esquerda quanto para a extrema-direita. Hoje estamos diante de movimentos tipo Seattle, onde neoludistas, ambientalistas radicais, ex-operaístas, lúmpens e pessoas notáveis se encontram na recusa da clonagem, do Big Mac, dos transgênicos e do nuclear.

Uma transformação não menos importante ocorreu na oposição entre mundo religioso e mundo laico. Há milênios, costumava-se associar o espírito religioso à desconfiança em relação ao progresso, à recusa do mundo, à intransigência doutrinal; o mundo laico, ao contrário, vivia com otimismo a transformação da natureza, a maleabilidade dos princípios éticos, a redescoberta afetuosa de religiosidades “diferentes” e de pensamentos selvagens.

Certamente não faltavam entre os crentes os apelos às “realidades terrenas”, à história como marcha em direção ao resgate (basta pensar em Teilhard de Chardin), enquanto abundavam os “apocalípticos” laicos, as utopias negativas de Orwell e de Huxley ou a ficção científica que previa os horrores de um futuro dominado por uma horrenda racionalidade científica. Mas, no fim das contas, cabia à pregação religiosa reportar-nos aos últimos fins do homem, ou Novíssimos, e à pregação laica celebrar seus hinos à locomotiva.

O recente encontro dos *papa boys* nos mostra, ao contrário, o momento final da transformação realizada por Wojtyła: uma massa de jovens que aceitam a fé mas, a julgar pelas entrevistas que deram na ocasião, estão muito distantes de neuroses fundamentalistas, dispostos a transigir sobre as relações pré-matrimoniais, sobre os contraceptivos, alguns até mesmo sobre as drogas, todos sobre a discoteca; enquanto o mundo laico se lamenta diante da poluição sonora, de um espírito New Age que parece unir neorrevolucionários, seguidores do monsenhor Milingo e sibaritas dedicados a massagens orientais.

E isto é só o começo, ainda vamos ver poucas e boas.

Será que inventamos mesmo tanta coisa?

(2000)

O anúncio apareceu provavelmente na internet, mas não sei onde, pois chegou a mim por correio eletrônico. Trata-se de uma pseudoproposta comercial que divulga uma novidade, o *Built-in Orderly Organized Knowledge*, cuja sigla é BOOK, ou seja, livro.

Nada de fios, nada de bateria, nenhum circuito elétrico, nenhum interruptor ou botão, é compacto e portátil, o usuário pode até estar sentado diante da lareira. É constituído por uma sequência de folhas numeradas (de papel reciclável), cada uma das quais contém milhares de *bits* de informação. Estas folhas são mantidas unidas na sequência correta por uma elegante cobertura denominada encadernação.

Cada página é escaneada opticamente e a informação é registrada diretamente no cérebro. Há um comando “browse” que permite passar de uma página à outra, para a frente e para trás, com um simples movimento do dedo. Uma *utility* denominada “índice” permite localizar o assunto desejado na página certa. É possível adquirir um *optional* chamado “marcador”, que permite retornar ao ponto em que havíamos parado, mesmo que tenhamos fechado inadvertidamente o BOOK.

O anúncio termina com vários outros esclarecimentos sobre este instrumento tremendamente inovador e informa também o lançamento do *Portable Erasable-Nib Cryptic Intercommunication Language Stylus*, PENCIL (ou seja, lápis). Não se trata apenas de uma bela peça humorística, mas é também uma resposta às muitas perguntas angustiadas sobre o possível fim do livro diante dos avanços da computação.

Existem inúmeros objetos que, a partir do momento em que foram inventados, não têm aperfeiçoamento possível, como o copo, a colher, o martelo. Quando Philip Stark quis mudar a forma do espremedor de laranja, acabou produzindo um objeto belíssimo que, no entanto, deixa os caroços caírem no copo, enquanto a forma clássica consegue retê-los junto com a polpa. Outro dia, numa aula, irritei-me diante de uma

máquina eletrônica caríssima que projetava muito mal as imagens: o velho retroprojetor, sem falar no antigo epidiascópio, eram melhores.

Com o século XX chegando ao fim, resta perguntar se realmente inventamos muitas coisas novas nestes últimos cem anos. Todas as coisas que usamos cotidianamente foram inventadas no século XIX. Listo algumas: o trem (mas a máquina a vapor é do século anterior), o automóvel (junto com a indústria do petróleo que ele pressupõe), os navios a vapor com propulsão a hélice, a arquitetura em cimento armado e o arranha-céu, o submarino, as ferrovias subterrâneas, o gerador, a turbina, o motor Diesel, o aeroplano (o experimento definitivo dos irmãos Wright acontece três anos após o fim do século), a máquina de escrever, o gramofone, o ditafone, a máquina de costura, o frigorífico e os enlatados, o leite pasteurizado, o isqueiro (e os cigarros), as fechaduras de segurança Yale, o elevador, a máquina de lavar, o ferro de passar elétrico, a caneta-tinteiro, a borracha para apagar, o papel absorvente, o selo, o correio pneumático, o *water closet*, a campainha elétrica, o ventilador, o aspirador de pó (1901), o barbeador com lâminas, os leitos reclináveis, a poltrona de barbeiro e a cadeira giratória para escritórios, os fósforos a fricção e os fósforos de segurança, o impermeável, o zíper, o alfinete de fralda, as bebidas gaseificadas, a bicicleta com câmara de ar e protetor, rodas com raios de aço e transmissão por corrente, o ônibus, o bonde elétrico, a ferrovia elevada, o celofane, o celuloide, as fibras artificiais, as lojas de departamento para vender todas essas coisas e — se me permitem — iluminação elétrica, telefone, telégrafo, rádio, fotografia e cinema. Babbage inventou uma máquina calculadora capaz de fazer sessenta e seis adições por minuto e nos colocou, portanto, no rumo do computador.

Claro, nosso século nos deu a eletrônica, a penicilina e tantos outros fármacos que alongaram nossa vida, as matérias plásticas, a fusão nuclear, a televisão e a navegação espacial. Talvez alguma coisa tenha me escapado, mas também é verdade que hoje as canetas-tinteiro e os relógios mais caros tentam reproduzir os modelos clássicos de cem anos atrás, e numa velha *Bustina* observei que o último aperfeiçoamento no campo das comunicações — que seria a internet — veio superar a telegrafia sem fios inventada por Marconi com uma telegrafia com fios, ou seja, marca o retorno (para trás) do rádio para o telefone.

No que diz respeito a pelo menos duas invenções típicas do nosso século, as matérias plásticas e a fusão nuclear, todos estão tentando desinventá-las, pois perceberam que prejudicam o planeta. O progresso não consiste necessariamente em ir sempre adiante a qualquer custo. E pedi que devolvessem o meu retroprojeto.

Para trás com força total!

(2008)

Numa velha *Bustina* observei que estamos assistindo a um interessante retrocesso tecnológico. Em primeiro lugar, a influência perturbadora da televisão havia sido controlada graças ao controle remoto, com o qual o espectador podia zapear, entrando assim numa fase de liberdade criativa denominada “fase de Blob”. A libertação definitiva em relação à televisão aconteceu com o videocassete, com o qual se concretizava a evolução rumo ao cinematógrafo. Ademais, o controle remoto permitia desligar o som, retornando assim às pompas e circunstâncias do cinema mudo. Enquanto isso, ao impor uma comunicação eminentemente alfabética, a internet tinha liquidado a temida Civilização das Imagens. Nesta altura, já era possível eliminar até mesmo as imagens, inventando uma espécie de caixa que só emitisse sons e não precisasse sequer de controle remoto. Na época, pensei que estava ironizando ao imaginar a redescoberta do rádio, mas (evidentemente inspirado por um nume) estava vaticinando o advento do iPod.

Por fim, chegamos ao último estágio quando as transmissões via éter, com as TVs pagas, deram início à nova era da transmissão via cabo telefônico, passando da telegrafia sem fios à telefonia com fios, fase completamente realizada pela internet, superando Marconi e retornando a Meucci.

Retomei esta minha teoria da marcha a ré em meu livro *A passo di gambero* [A passo de caranguejo], onde aplicava estes princípios à vida política

(e numa *Bustina* recente, observei que estamos retornando às noites de 1944, com patrulhas militares nas ruas e crianças e professores uniformizados). Mas não foi só isso.

Quem quer que tenha comprado recentemente um computador novo (que se tornará obsoleto em três anos), percebeu que só encontrava máquinas que já vinham com o Windows Vista instalado. Ora, basta ler nos mais variados blogs da internet o que os usuários pensam do Vista (não me atrevo a citá-los para não acabar nos tribunais) e o que dizem os amigos que caíram na armadilha, para tomar a decisão (talvez equivocada, mas firmíssima) de não comprar um computador com Vista. Mas quem quiser uma máquina atualizada de proporções razoáveis, será obrigado a engolir o Vista. Ou terá de sujeitar-se a um clone do tamanho de um caminhão, montado por um vendedor esforçado, que ainda instala um Windows XP ou anterior. E assim, sua escrivaninha ficará parecendo um laboratório Olivetti com um Elea 1959.

Creio que os produtores de computadores perceberam que as vendas diminuiriam sensivelmente porque, para fugir do Vista, os usuários desistiam de trocar seu computador. O que aconteceu, então? Para entender é preciso entrar na internet e buscar “Vista downgrading” ou algo parecido, com a seguinte explicação: se você comprou um novo computador com Vista, pagando o que ele vale, basta desembolsar uma soma aditiva (e não é tão fácil, é preciso passar por um procedimento que me recusei a entender) e, depois de muitas aventuras, você poderá ter de novo a possibilidade de usufruir de um Windows XP ou versões anteriores.

Quem usa um computador sabe o que é *upgrade*: é uma coisa que permite atualizar seu programa com o último aperfeiçoamento. Consequentemente, *downgrade* é a possibilidade de levar seu computador, avançadíssimo, de volta à feliz condição dos programas mais velhos. Pagando, é claro. Antes da invenção deste belíssimo neologismo na internet, um dicionário inglês-italiano normal informava que *downgrade* significa, como substantivo, declínio e rebaixamento ou versão reduzida, e como verbo quer dizer retroceder, retrogradar, redimensionar e depreciar. Portanto, o que nos oferecem é a possibilidade, depois de muito trabalho e do pagamento de uma certa quantia, de depreciar e degradar algo pelo qual pagamos uma

determinada soma. A coisa seria inacreditável, se não fosse verdadeira (Giampaolo Proni também tratou espiritualmente do assunto na revista on-line *Golem-L'indispensabile*), e a internet abriga centenas de desventurados que trabalham feito loucos para pagar o exigido para degradar seus programas. Quando chegaremos ao estágio em que, por uma soma razoável, poderemos trocar nosso computador por um caderno com um tinteiro e uma caneta equipada com pena Perry?

Mas essa história não é só paradoxal. Existem progressos tecnológicos além dos quais não se pode ir. Não dá para inventar uma colher mecânica, aquela que foi inventada dois mil anos atrás funciona muito bem do jeito que é. O Concorde, mesmo fazendo Paris–Nova York em três horas, foi abandonado. Não tenho certeza de que foi uma boa ideia, mas o progresso também pode significar dar dois passos atrás, como voltar à energia eólica no lugar do petróleo e coisas do gênero. Pensemos no futuro! Para trás com força total!

Renasço, renasço em mil novecentos e quarenta

(2008)

A vida nada mais é que uma lenta rememoração da infância. Certo, mas o que torna esta lembrança tão doce é o fato de que, na distância da nostalgia, até os momentos que então eram dolorosos parecem belos, como o dia em que caímos num buraco destrocando o pé e fomos obrigados a ficar em casa durante quinze dias com o pé engessado com gaze embebida em clara de ovo. Pessoalmente, recordo com ternura as noites passadas no abrigo antiaéreo: acordados no meio do sono mais profundo, arrastados de pijama e casaco para um subterrâneo úmido, todo de cimento armado, iluminado por lâmpadas fracas, brincávamos de pique enquanto explosões surdas pipocavam sobre nossas cabeças, sem que soubéssemos se eram das baterias antiaéreas ou das bombas. Nossas mães tremiam, de frio e de medo, mas para nós era uma estranha aventura. Eis o que

faz a nostalgia. Por isso estamos dispostos a aceitar tudo aquilo que nos lembre os horripilantes anos 1940: este é o tributo que pagamos à velhice.

Como eram as cidades naquela época? Escuras à noite, quando o blecaute obrigava os raros passantes a usar lanternas a dínamo e não a pilha, assim como os faróis de bicicleta, carregados por fricção acionando espasmodicamente uma espécie de gatilho. Mais tarde, porém, chegou o toque de recolher e ninguém mais podia andar na rua.

De dia, as ruas eram percorridas por batalhões militares, pelo menos até 1943, quando tínhamos o Regio Esercito acasernado na cidade, e mais intensamente nos tempos da República de Salò, quando as metrópoles eram batidas continuamente por bandos de milicianos e rondas de fuzileiros da divisão San Marco ou de Brigadas Negras, e nas cidades menores passavam sobretudo os grupos de *partigiani*, uns e outros armados até os dentes. Nesta cidade militarizada, as reuniões eram proibidas em certas situações e os grupos uniformizados de *Balilla* e Pequenas Italianas ainda enxameavam, além das crianças de avental negro que saíam das escolas ao meio-dia, enquanto as mães tentavam comprar o pouco que restava nas lojas de alimentos e quem quisesse comer pão, nem digo branco, mas não nauseabundo e feito de ser-ragem, tinha de pagar quantias consideráveis no mercado negro. Em casa, a luz era fraca, sem falar no aquecimento, limitado unicamente à cozinha. De noite, dormíamos com um tijolo quente na cama e lembro com ternura até das frieiras. Não posso dizer que tudo isso retornou agora, pelo menos não integralmente. Mas já começo a sentir cheiro de queimado. Só para começar, temos fascistas no governo. Não são apenas eles, não são exatamente fascistas, mas que importa, todos sabemos que a história se repete primeiro como tragédia, depois como farsa. Em compensação, naqueles tempos havia cartazes nos muros exibindo um negro americano repugnante (e bêbado) estendendo a mão para uma branca Vênus de Milo. Hoje, vejo na televisão rostos ameaçadores de negros depauperados que invadem nossas terras aos milhares e francamente as pessoas a meu redor estão mais assustadas do que então.

Está de volta o avental negro nas escolas e não tenho nada contra isso, melhor que a camiseta de grife dos valentões filhinhos de papai, só que sinto na boca um sabor de *madeleine* mergulhada no chá de tília e me vêm à mente as palavras de Gozzano: “Renasço, renasço em mil novecentos

e quarenta.” Acabei de ler num jornal que o prefeito de Novara, da Liga Lombarda, proibiu a reunião de mais de três pessoas no parque à noite. Espero com um arripio proustiano a volta do toque de recolher. Nossos militares estão lutando com rebeldes de cor na Ásia (e não mais na África), mais ou menos orientais. Mas vejo batalhões do exército, bem armados e com uniformes miméticos, também nas calçadas de nossas cidades. Como então, o exército não luta apenas nas fronteiras, mas também faz operações policiais. Parece que estou em *Roma, cidade aberta*. Leio artigos e ouço discursos muito semelhantes aos que lia então em *La difesa della razza* [A defesa da raça], que não atacavam apenas o judeus, mas também os ciganos, os marroquinos e os estrangeiros em geral. O pão está cada dia mais caro. Temos sido avisados de que precisamos economizar gasolina, limitar o desperdício de energia elétrica, apagar as vitrines durante a noite. Diminuem os automóveis e retornam os *Ladrões de bicicletas*. Como toque de originalidade, em breve teremos o racionamento de água. Ainda não temos um governo no Sul e outro no Norte, mas há quem trabalhe nesta direção. Só sinto falta de um Caudilho que abrace e beije castamente os rostos de prósperas camponesas, mas cada um tem lá os seus gostos.

Abaixo a Itália

(2008)

Numa *Bustina* de cerca de um ano atrás, mencionei o aumento, na internet, de sites antirressurgimento e pró-bourbônicos. Agora, leio nos jornais que um terço dos italianos é favorável à pena de morte. Estamos voltando ao nível dos americanos (*fuck you, Beccaria*),* dos chineses e dos iranianos.

* Cesare Bonesana, marquês de Beccaria (1738-94), economista e jurista cuja obra *Dos delitos e das penas* é uma das bases fundamentais do direito penal moderno, defendendo a igualdade perante a lei, a abolição da pena de morte e da tortura como meio de obter provas, julgamentos públicos e mais rápidos, direito de defesa, penas consistentes e proporcionais. [N. da T.]

Outro comovente retorno ao passado é a necessidade cada vez mais urgente de reabrir as casas de tolerância, não os locais modernos adaptados à situação, mas aquelas casas de tolerância de antigamente, com os inesquecíveis mictórios na entrada e a *maîtresse* gritando: “Para os quartos, rapazes, nada de embromação!” Claro que, se tudo pudesse acontecer com blecaute e toque de recolher seria ainda mais gostoso. A propósito, o concurso para assistentes de palco na TV não faz pensar no sonho recorrente com a fila de coristas do inesquecível *vaudeville* que entretinha o público do cinema antes do filme?

No início dos anos 1950, Roberto Leydi e eu resolvemos fundar uma sociedade antipatriótica. Era um modo de zombar da educação recebida durante a infausta ditadura, que nos impingia a pátria sob os mais variados molhos, até a náusea. Afinal, vários grupos neofascistas estavam renascendo e a televisão só dispunha de um canal em preto e branco: era preciso encontrar um jeito de passar as noites. A sociedade antipatriótica escolheu como hino a marcha Radetzky e se propunha obviamente a reavaliar a dimensão moral desta límpida figura de antirressurgimentista; pregava a convocação de referendos para a restituição do Lombardo-Vêneto à Áustria, de Nápoles aos Bourbons e naturalmente de Roma ao papa e a cessão do Piemonte à França e da Sicília a Malta; nas várias praças da Itália, seriam demolidos os monumentos a Garibaldi e seriam cancelados os nomes das ruas consagradas tanto a Cavour quanto aos vários mártires e irredentistas, assim como, nos livros escolares, se insinuariam dúvidas venenosas quanto à moralidade de Carlo Pisacane, Enrico Toti e assim por diante.

Nossa sociedade dissolveu-se diante de uma descoberta perturbadora. Se quiséssemos efetivamente ser antipatrióticos e promover a ruína da Itália, teríamos de reavaliar o Duce, ou seja, a pessoa que tinha efetivamente arruinado a Itália, e, portanto, teríamos de ser neofascistas. Como tal escolha nos repugnava, abandonamos o projeto.

Na época, nossa pretensão era fazer rir, mas quase tudo que imaginamos está se realizando — embora nunca tenha nos passado pela cabeça a ideia de fazer com a bandeira nacional aquilo que Bossi queria fazer* e tampouco

* Em 1997, Umberto Bossi declarou publicamente “quando vejo o [estandarte] tricolor fico furioso. Só uso o tricolor para limpar a bunda”, sendo posteriormente condenado por vilipêndio à bandeira nacional. [N. da T.]

a ideia verdadeiramente sublime de homenagear aqueles que, em 1870, mataram os soldados italianos em Porta Pia durante a tomada de Roma na luta pela unificação da Itália.

Vivíamos um momento em que os democratas cristãos estavam no poder e tratavam de conter a Igreja para proteger a laicidade do Estado: o máximo de neoclericalismo foi o apoio de Togliatti ao famigerado artigo 7 da Constituição, que reconhecia os Pactos Lateranenses. Já havia se dissolvido fazia vários anos o movimento *Uomo Qualunque* [Homem Qualquer], que durante um certo período estimulou sentimentos antiunitários, desconfianças em relação a uma Roma corrupta e ladra ou a uma burocracia estatal de inúteis que sugavam o sangue da boa gente trabalhadora. Não passava nem pela antecâmara dos nossos cérebros que comportamentos do gênero seriam adotados um dia por ministros da República.

Não tivemos a luminosa ideia de que, para esvaziar completamente o parlamento de qualquer dignidade e poder real, bastava fazer uma lei determinando que os deputados não seriam eleitos pelo povo, mas nomeados pelo Caudilho antes das eleições. Achávamos que desejar um retorno gradual à *Camera dei Fasci e delle Corporazioni* seria uma ideia fantasiosa demais.

Queríamos desfazer a Itália, mas gradualmente, e pensávamos que seria necessário pelo menos um século. No entanto, chegamos lá muito antes e além da Itália, também a Alitalia está se desfazendo. Mas o melhor de tudo é que a operação não precisou do golpe de Estado de um núcleo duro — os poucos generosos idealistas que éramos —, mas está se realizando com o apoio da maioria dos italianos.